

Pesquisa da FGV mostra que crise foi contra os mais ricos

(NÃO ASSINADO)

As classes A e B foram as que mais perderam renda proveniente do trabalho entre outubro e dezembro do ano passado, período pós-agravamento da crise financeira. De acordo com pesquisa divulgada ontem pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), entre outubro e dezembro de 2008, apenas 74,9% destes indivíduos mantiveram suas condições econômicas, contra a marca de 80,9% que conseguiam permanecer nas classes até o mês de setembro. A maior parte dos dissidentes - 4,41 ponto percentual - migrou para a classe C, seguido pela classe E (1,34 ponto percentual).

A movimentação foi bem menos intensa entre os participantes da classe C. O levantamento mostra que até setembro do ano passado, 81,6% dos indivíduos permaneceram na chamada classe média. Entre outubro e dezembro, 81,8% continuavam fazendo parte da classe C. Já para os mais pobres do País, membros da classe E, o período de crise significou melhora de condições econômicas.

Entre janeiro e setembro de 2008, 60,3% das pessoas não conseguiam subir de classe. Nos três últimos meses do ano passado, no entanto, este grupo recuou para 58,54%. "Esta foi uma crise pró-pobre e contra os mais ricos", observa o responsável pela pesquisa, Marcelo Neri.

A FGV usou como base para os seus cálculos a Pesquisa Mensal de Emprego (PME), calculada pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE). Pelos parâmetros da PME, são levados em consideração apenas a renda oriunda do trabalho. São excluídos, portanto, aposentadorias, o programa Bolsa Família e rendimentos de investimentos.

Já para definir os as classes sociais, Marcelo Neri usou seus próprios cálculos, em que a classe C engloba domicílios com renda familiar superior a R\$ 1,115 mil. Fazem parte da classe alta (A e B) lares com renda superior R\$ 4,807 mil.

"A pesquisa não apura quais seriam os motivos para o fato da classe alta ter sentido mais os efeitos da crise. O que podemos supor é que em um lar onde o chefe de família perde seu emprego, a renda familiar cai bruscamente e pode passar a zero enquanto ele estiver desempregado. Já entre os pobres, há uma rede de proteção formada pelo fato de os rendimentos estarem atrelados ao salário mínimo", argumenta Neri.

Ainda de acordo com o cruzamento de dados feito pela FGV, as classes A e B encolheram 0,65% em 2008 em relação a 2007. Já a classe C apresentou expansão de 1,24% no período. Um sinal positivo de que a desigualdade pode estar diminuindo veio da constatação de que a classe D encolheu 2,51% e a E, 1,23%.

"Esta mobilidade das classes baixas para a classe C é muito importante. Com esta movimentação, encerramos 2008 com a maior parte da população, 53,8%, vivendo dentro dos parâmetros de classe média", destaca Neri. Outros 15,3% da população pertencem às classes A e B. Já a classe E responde por 17,68% dos indivíduos brasileiros.